



A complexidade e a premência de aprender a amar

Rosie Mehoudar **

Tema: "Brasil, um País para Todas as Idades"
em comemoração ao Ano Internacional do Idoso (1999)

Seria belo que o tema dessa redação viesse a se tornar realidade. Que o Brasil realmente abrigasse, por exemplo, idosos produtivos e vivendo bem.

Há muitos jeitos de entender a palavra "produtivo". Ela não significa apenas trabalho profissional. Ela pode querer dizer pessoas com sabedoria, e pessoas que não cessem de produzir alguma forma de sabedoria e, também, alguma forma de ensinamento. No contexto do idoso, pessoas que gostem genuinamente de viver, mesmo que a morte esteja próxima, mesmo que companheiros já se tenham ido.

Exige, de fato, sabedoria manter o gosto pela vida ainda que externamente os vínculos humanos se tenham desfeito. E mesmo quando o idoso ainda tem filhos e netos, vemos-lo facilmente passar seus dias em casas de saúde, olhando para o nada ou dormindo. O vazio que chega nos dias de velhice é o vazio que sobra muitas vezes de uma vida assentada em nada mais que bens impermanentes: dinheiro e trabalho físico, cônjuge...

Não é só que a sociedade atual não emprega seus velhos, não lhes dá função. Isso é um problema e deve claramente mudar no Brasil que queremos ir construindo e transformar em uma "casa" saudável para cada habitante. Porém, o problema parece ser mais profundo e dizer respeito muitas e muitas vezes à falta de cultivo da interioridade que caracteriza a maioria das pessoas em nosso tempo.

"O que amas de verdade permanece, o resto é escória", escrevia o poeta Ezra Pound. "O que amas de verdade não te será arrancado".

Em nosso mundo, o amor tendeu a ficar associado a alguns objetos concretos. Somos felizes se somos amados por olhos concretos, ou se amamos uma pessoa concreta. Mas como amar de instante a instante? Como amar a cada coisa? Onde está uma fonte de amor que se prolongue por toda a velhice, quando até mesmo nosso corpo funcione cada vez menos?

Responder bem a isso, com nossa vida e nosso ser, parece exigir um longo caminho de aprendizado, e não há, nem na escola, nem em casa, um ensino claro de como "aprender a amar".

As religiões, no passado, procuravam dar um pouco conta disso, mas elas perderam a credibilidade na maioria das instituições. E isso, por um lado, não se deu à toa. Era muito fácil perder-se apenas no sentido exterior de Deus. Mas o sufismo, por exemplo, um ramo não oficial do islamismo, afirma com clareza que o contato com Deus é o contato com nosso ser nuclear. Em profundidade, todas as religiões vêem no contato com Deus o contato com essa fonte interior de ser em cada homem. Uma fonte que está dentro e

também fora, e da qual todos partilhamos. Um ser que pulsa para além da imagem de nosso próprio corpo, e cuja emergência torna mais nítida a visão de um mar, uma praia ou qualquer paisagem.

Por meio de Lacan, a psicanálise de Freud buscou equacionar um caminho de bem aventurança independente da via religiosa. Junto ao psicanalista francês, também filósofos da linguagem estudam como o nome institui o ser, trazendo à nossa mente uma presença. Um mundo pode se formar em nós e nos nutrir por meio das palavras e dos indizíveis que elas sugerem. Nos estudos literários fala-se do "ser de linguagem" e Lacan refere-se também a uma desidentificação possível entre o ser e nossa imagem de nós mesmos. Em outras palavras, não precisamos ficar presos em nós mesmos, podemos acessar um ser mais puro, fonte de nosso amor ou motivo dele: um objeto de amor de instante a instante que seria o ser, não de fulano ou cicrano, mas como que nosso próprio ser e coração tornado outro, desidentificado de nós mesmos. Várias obras de filosofia (como a de Paul Ricoeur, por exemplo) foram produzidas no século XX com o tema geral de "o si mesmo é um outro".

Não se sabe ainda se essa via e esse ascetismo podem se independer completamente das fontes milenares de sabedoria interior veiculada pelas diversas religiões. O diálogo interior com Deus, com Cristo, com Buda, com o Senhor também no Hinduísmo, propiciava que cada pessoa acreditasse na existência de um ser amável ainda que o namorado não telefonasse! E, como o Hinduísmo explica com clareza, a natureza última de qualquer um desses nomes de divindade é o próprio espírito sem qualquer forma determinada, é o ser nuclear tornado objeto de amor. Por não ter uma forma determinada, mas constituir um simples instante de consciência, esse ser também é associado ao vazio. Há vários jeitos de se abordar a questão do vazio, mas essa é uma outra história, que pediria por um outro texto.

A psicanálise ou a filosofia não podem garantir que esse ser que desejamos de instante a instante não exista também fora de nosso corpo físico, de nossa mente, ou de uma linguagem cujo centro de emissão morreria junto com o corpo. Explicando melhor: Freud afirma que todo pensamento e inconsciente têm por fonte a energia que vem das células (e se sublima por processos que ele procura sondar). O corpo físico-biológico seria, assim, a base de toda produção intelectual. Entretanto, não se tem a menor certeza disso. É mesmo preciso um cérebro para haver pensamento? A inteligência não se poderia processar fora do corpo de carne e osso? O ser que é objeto de amor e que encontro no centro de mim mesmo não existe também fora? Esse é um tema de pesquisa de cientistas sérios, como o físico teórico Basarab Nicolescu, diretor do Centro Nacional de Pesquisa Científica, em Paris, fundador e presidente do CIRET (Centro Internacional de Pesquisas Transdisciplinares), consultor da Unesco e autor de vários livros.

Se os estudos ainda não trouxeram certezas científicas, o que importa é que a realidade para cada um não fique confinada aos objetos passageiros e concretos de satisfação, mas que a busca do Amor para além deles, e de "acordamento" a todo instante perdue a vida toda.

Esse deveria ser o norte de nossas escolas desde o início e este deveria ser o norte também das casas de idosos, enquanto elas ainda tenham que existir.

Esse ponto não vem sozinho. Ter contato com esse ser desidentificado de nós mesmos é vê-lo em cada pessoa, em cada coisa. Paramos de nos sentir mais importantes e mais reais que o resto das pessoas. O ser, igual, se dissemina por toda a sociedade, na visão de cada um. Nosso prazer torna-se, a partir do contato com um ser amado dentro (ou fora; Lacan refere-se à "extimidade", ao propor que há um outro no "seio mais assentido de nós mesmos"), contatar o ser de cada coisa, instante, pessoa e evento do dia, e não nos engrandeceremos à vista de todos e ganhar poder sobre eles. Se a minha felicidade não é mais importante que a dos outros, se sinto o frio e dificuldade dos outros como sendo a minha, se o eu e o outro se intercambiam iguais no mesmo Ser desejado, o interesse sincero é que todos vivam bem. E aí é possível vislumbrar o fim da concentração alienada de riqueza nas mãos de poucos, voltados para si mesmos. E então torna-se natural pensar

em formas de incluir o idoso em atividades úteis, na medida de suas possibilidades e de seus talentos.

É um grande passo e um bom indício que comecemos a refletir sobre a questão da cidadania, da democracia e da ética. Mas essa reflexão só tem um papel realmente transformador de nossas atitudes e da política se ela levar em conta os desejos e as camadas mais profundas do psiquismo.

O Brasil, e grande parte do mundo, está doente. É patológico o caso do deputado encerrado em seu próprio mundo de poder cerrando um homem vivo. Quem chega ao poder precisaria idealmente ter tido uma educação no sentido de um amor não autocentrado e assim promovê-la socialmente.

É muito importante o papel da produção de um conhecimento que nos capacite a isso. É importante que físicos, químicos, matemáticos, e especialistas de ciências humanas tenham acesso a um conhecimento sobre a natureza da mente, para que eles possam contribuir de seu modo específico com o que ela tem de melhor. Um conhecimento, fique claro, que nos ajude na corda central de nosso desejo. Um conhecimento que escritores importantes como Guimarães Rosa ou Mallarmé em certa medida tiveram - medida já suficiente para zelarmos por uma sociedade não perversa.

É preciso, mais do que em qualquer área, que a educação invista seu tempo e sua dedicação nesse sentido. Na fonte de todo sentido. Há muito a ser pesquisado ainda sobre a natureza do espírito e do Real, mas já há conhecimento acessível suficiente para transmutar mentes gananciosas em mentes que "busquem" desinteressada e compassivamente. O que não existe ainda é a disseminação necessária desse conhecimento nas escolas. Esses saberes precisariam adentrar de modo profundo e conseqüente na educação. As atenções e verbas precisariam ser direcionadas para essa construção básica do ser humano, de seu conhecimento, da possibilidade de um conhecimento real do que seja amar.

Quando se consideram idosos que já não foram educados para saber amar, que trazem nos ossos e movimentos de corpo e mente neuroses enrijecidas, o que fazer? O que fazer senão procurar disponibilizar pessoas que possam - por meio da escuta do que sempre resta de humanidade pura em cada um, para além do neurótico, e da escuta também dos acidentes e tentativas implicadas em cada traço neurótico - ajudá-los a trilhar algum caminho de desenvolvimento possível até o final da vida? Há coisa mais importante pela qual zelar do que a possibilidade de cada ser humano, criança, jovem ou velho, se desenvolver? E essa possibilidade não pode ser enterrada nunca.

O ideal seria que pessoas com formação em psicanálise/psicologia e com uma busca sincera desse ser não narcísico pudessem assistir os velhos com dificuldades psico-físicas. É um desperdício vê-los morrer como morrem em casas de repouso, depósitos de idosos que dão lucro. O mais importante, para que possamos, a médio e longo prazo, pensar em formas de integração de pessoas idosas no trânsito profissional e de transmissão de conhecimentos, é tornar prioritária a pesquisa da natureza da mente humana e a difusão de seu conhecimento, por meios vários de educação e comunicação.

É preciso que o governo procure se ligar mais e mais em pessoas que tenham uma motivação honesta e possam por sua vez contratar pessoas assim, e é preciso proteger essa pesquisa na fonte formal de produção de conhecimento que é a universidade. É ela que forma os formadores e, em certa medida, os homens que acedem ao poder. A universidade já se fragmentou demais em saberes específicos e é necessário reconsiderar o que os transpassa e nos une.

Existem gerontologistas que têm começado a estudar histórias tradicionais de várias culturas para trabalhar depois com idosos. A produção mais ativa de conhecimento sobre os caminhos interiores não nasce nem deve nascer do zero, mas partir do enorme manancial de sabedoria que a humanidade já produziu e se manifesta em textos vários de ficção, de mitologia, de filosofia, de filosofia da linguagem. Mesmo que se tenha dúvidas

sobre os axiomas últimos da religião, é um fato que os cientistas têm encontrado inúmeros pontos de contato entre o conhecimento que começam a produzir sobre a natureza da mente e do real e aquele que as tradições formularam há séculos ou milênios.

Descobertas da física quântica e da filosofia do século XX já estavam implicadas em textos muito antigos. Os Upanishads foram escritos na Índia entre 1000 e 600 a.C., e mantêm-se como textos de surpreendente vigor e atualidade. Houve épocas e culturas que aplicaram suas energias e seu tempo principalmente no conhecimento da interioridade e produziram um inestimável saber; é recente o deslocamento dos esforços para o progresso desenfreado da tecnologia. Ela é bem-vinda, mas não podemos nos dissociar de um outro néctar, prioritário sempre.

Temos que nos nutrir de vias vigorosas antigas e recentes, metabolizando-as em acordo com nossa experiência e pensar, para priorizarmos na sociedade o desenvolvimento do que é central nos homens.

* Texto escrito para os alunos do 3o ano do Ensino Médio do Colégio Oswald de Andrade no ano de 1999. ** Professora de Português na UNIFIEO (Centro Universitário da Fundação Instituto de Ensino para Osasco) e no Colégio Oswald de Andrade, São Paulo, e doutoranda em literatura francesa na USP.